

Em Tese


AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ARGENTINA, SOCIOLOGIA DA VIDA INTELLECTUAL E MERCADO EDITORIAL: ENTREVISTA COM EZEQUIEL GRISENDI

The Social Sciences in Argentina, Sociology of intellectual life and the editorial market: interview with Ezequiel Grisendi

Entrevistado


Rodolfo Ezequiel Grisendi

Professor do Departamento de Antropologia
Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Argentina
egrisendi@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3999-2727>

Entrevistadora

Ana Martina Baron **ENGERROFF**
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
anamaron@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3957-0428> 

PALAVRAS-CHAVE: Ciências Sociais. Argentina. Sociologia da Vida intelectual. Mercado editorial.

KEYWORDS: Social Sciences. Argentina. Sociology of Intellectual life. Editorial Market.

Ezequiel Roldofo Grisendi nasceu em 1980, na província de Córdoba, Argentina. É graduado em história e doutorando em Ciências Antropológicas pela Universidade Nacional de Córdoba (UNC). Atualmente é professor e coordenador da área Teórico-metodológica do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Humanidades, da Universidade de Córdoba. Também é investigador do Programa de História e Antropologia da Cultura (PHAC), com sede no *Instituto de Antropología de Córdoba* (IDACOR), CONICET. Suas áreas de investigação se concentram especialmente na História das Ciências Sociais e a sociologia da vida intelectual e editorial na Argentina e América Latina. Em 2017, co-coordenou o painel envolvendo as edições de livros no XXXI Congresso ALAS, ocorrido em Montevideo/Uruguai. Participa, juntamente de outros pesquisadores, o projeto "*Hacer Sociología en Córdoba. Entre las aulas y las calles*", que visa documentar e recuperar a memória da licenciatura (graduação) em Sociologia na Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Córdoba. Sob a coordenação regional de Gustavo Sorá, integrou a equipe argentina do projeto INTERCoSSH (*International Cooperation in Social Sciences and Humanities*).

ENTREVISTA

Professor Ezequiel Grisendi, poderia contar sobre sua trajetória acadêmica, em especial sobre a sua aproximação com a temática da história das ciências sociais e das edições de livros?

Minha formação como estudante universitário foi em história. Realizei meus estudos de graduação pensando em uma tese sobre temas de história da antiguidade clássica grega, mas finalmente reorientei meus interesses aos problemas da história argentina. Este trânsito foi múltiplo, pois me aproximou de novos temas mas, fundamentalmente, para novos horizontes conceituais e metodológicos; em primeiro lugar, porque me permitiu uma aproximação da equipe de investigação coordenada por Ana Clarisa Agüero e Diego García, ambos historiadores cordobeses, sobre história cultural. A ênfase da perspectiva que distinguia esse grupo era tanto a sua atenção para os fenômenos culturais inscritos em coordenadas territoriais sempre em tensão e a materialidade própria de cada modo expressivo, sejam produções artísticas, filosóficas ou literárias. Nesse sentido, o pressuposto compartilhado, antes de tudo, era o de problematizar historicamente os pares conceituais de centro e periferia ou de tradição e modernidade, para mencionar apenas

aquelas categorias que dominavam as interpretações sobre Córdoba, sua história em particular, e seu lugar na historiografia em geral. Em segundo lugar, resultou muito esclarecedor o particular interesse em responder a pergunta sobre os suportes através dos quais viajam as ideias, as imagens ou os textos. Gustavo Sorá, antropólogo formado no PPGAS do Museu Nacional (UFRJ), serviu como um verdadeiros promotor de interrogações acerca do mundo editorial. Em boa medida, o alcance de suas pesquisas interpelou àqueles que frequentam os temas da história intelectual ou cultural para levar a sério a dimensão material da circulação de ideias. A equipe se chamava *CEMICI* (Cultura Escrita, Campo Intelectual, Mundo Impresso), dirigida por Sorá durante muitos anos, onde inscrevi meus anos de formação, levou essa marca como distintivo: prestar atenção às geografias instáveis da produção intelectual e questionar a história dos meios de transmissão da cultura. Desse modo, minhas opções de pesquisa foram inscritas em espaços de discussão e produção conjunta gerados na equipe, mas também em âmbitos de formação e debate que compartilhamos com outros coletivos, como o *Taller* de História Intelectual, o *Coloquio de Estudios sobre el Libro y la Edición* e os diversos grupos de trabalho sobre história da sociologia em diversas jornadas.

Minha proximidade com a história das ciências provém efetivamente do diálogo com Gustavo Sorá e suas investigações com esse mesmo campo, e com meu intercâmbio com Alejandro Blanco, meu orientador de tese e investigador do Centro de Historia Intelectual da *Universidad Nacional de Quilmes*, que conhecia muito bem o assunto depois de seu trabalho sobre a história da sociologia na Argentina e na América Latina. Em ambos os casos, a tarefa do pesquisar o processo de desenvolvimento das ciências sociais em geral, e da sociologia em particular, estava diretamente ligada à questão dos contextos da produção intelectual, à reconstrução das trajetórias de formação das principais figuras intervenientes e a recuperar a dimensão editorial daquela história.

Em sua tese de doutoramento e em artigos, o professor enfocou a história da sociologia em Córdoba. Em que medida esta história a partir de Córdoba distinguiu-se do desenvolvimento da sociologia em outras províncias, como Buenos Aires?

A preocupação por traçar uma história da sociologia em Córdoba foi, inicialmente, a de oferecer menos um relato local de um processo excepcional e mais a reconstruir a jornada histórica de um saber que, dados suas vicissitudes durante um período relativamente longo de tempo (de 1890 até 1970, aproximadamente), Permitiu-me considerar ao mesmo tempo sua inserção problemática em um meio territorialmente

discreto, mas cujas referências projetavam uma geografia mais vasta. Assim, explorar a sociologia em Córdoba não me resultava um tema interessante por sua mera singularidade, mas porque me permitiu reabastecer várias dimensões da história social, política e cultural de Córdoba, suas relações com outras cidades e outras regiões. O ponto de partida desse trabalho era o incômodo com certas formas de historicizar as ciências sociais, em especial, aqueles relatos disciplinares fortemente autocentrados em uma recapitulação escassamente problematizada, onde a configuração presente parecia projetar-se para o passado; em muitas dessas teleologias, as justificativas dos objetos de estudo e a amplitude das perguntas eram escassas.

Portanto, meu interesse pela história da sociologia em Córdoba não se fundou em reivindicar um desequilíbrio, mas em oferecer um olhar amplo de desenvolvimento de uma ciência social fora do caso mais conhecido (Buenos Aires), não apenas como uma versão “menor” ou “desviada”, mas como um fenômeno com sua própria configuração, tensionado por sua particular acumulação de experiências passadas, da morfologia social da cidade e de sua universidade e dos contatos com outros espaços de saber. Explicitado meu ponto de partida, busquei problematizar o suposto tradicionalismo conservador que se atribuía a Córdoba, a seu cenário cultural e universitário, para mostrar como a dinâmica de seus vários esforços intelectuais, políticos e editoriais haviam permitido a criação de uma cátedra universitária de sociologia, a dedicação com certa regularidade de um conjunto de agentes sociais e as discussões teóricas sobre a sociologia, a promoção de leituras, a realização de conferências ou a edição de certos textos que, longe de reforçar essa conjecturada “quietude provinciana”, delinearam outro cenário de intenso intercâmbio tanto com Buenos Aires, quanto com outras capitais culturais americanas e europeias. A opção de uma periodização de longo prazo para observar a sociologia em Córdoba responde, basicamente, a dar conta de diferentes momentos em seu desenvolvimento particular e em seus vínculos com outras latitudes. Em efeito, a consolidação da carreira de sociologia da *Universidad de Buenos Aires* no final dos anos cinquenta e seu projecto de modernização das ciências sociais na Argentina teve seus efeitos em Córdoba, onde, onde, além da criação de um instituto de sociologia e uma publicação, não se organizou um espaço de ensino ou pesquisa equivalente em dinamismo ao liderado por Germani. A subordinação institucional e intelectual da sociologia às ciências jurídicas, que foi reforçado por uma diferença das procedências sociais dos praticantes da disciplina, modelou outro padrão de desenvolvimento acadêmico não isento de impugnações e desafios.

No Brasil a chamada “sociologia de cátedras” teve maior impulso a partir dos anos 20, através nas cadeiras das escolas normais. É possível dizer que a “sociologia de cátedras” possui um papel mais central na institucionalização da sociologia na Argentina, impulsionada principalmente a partir das faculdades de Direito?

Em efeito, o processo inicial de expansão da disciplina na Argentina esteve ligado às diversas cátedras de sociologia criadas, primeiro em Buenos Aires (na *Facultad de Filosofía y Letras*), e logo no resto das universidades nacionais no começo do século XX. Salvo algumas exceções, frequentemente inscritas em carreiras orientadas à formação profissional de advogados ou de carreiras humanísticas, as cátedras de sociologia combinaram um grupo de leituras gerais sobre os fundamentos epistemológicos da disciplina, um percurso histórico de seus antecedentes (filosóficos e literários) e uma revisão enciclopédica com variadas posições teóricas. A criação do Instituto de Sociologia na *Universidad de Buenos Aires*, na década de quarenta, serve de primeiro marco na organização da disciplina e em ampliar seus horizontes fora das cátedras. Sem dúvida, o segundo grande marco, é a criação da carreira de graduação na mesma universidade. Estes ciclos foram acompanhados pelo desenvolvimento de outras experiências de institucionalização, como as de La Plata, Santa Fé ou Córdoba, o que é importante tanto por seu contraste com a experiência portenha, quanto pelos vínculos entre elas.

O desenvolvimento da sociologia brasileira, ainda nas primeiras décadas do século XX, foi marcado pela intensa publicação de livros e manuais didáticos de sociologia, contribuindo para a difusão das ideias sociológicas no país mesmo antes de haver cursos superiores na área. Como você percebe, no contexto argentino, as publicações de livros e manuais de sociologia, como os de autoria de intelectuais importantes como Enrique Martínez Paz, Raúl Orgaz e Alfredo Poviña?

A divulgação da sociologia na Argentina nas primeiras décadas do século XX esteve fortemente vinculada tanto aos trabalhos publicados em revistas, como nos livros de síntese. A mesma noção de gênero editorial “manual” envolve enfrentar-se especificidades que, em muitos casos, só emergem de alguns procedimentos metodológicos, como a comparação. Assim, colocar na relação histórica e/ou contemporânea nos diferentes “manuais” de sociologia iluminam certas persistências genéricas, mas também algumas diferenças em relação aos seus produtores. Em boa medida, os trabalhos de Francisco Ramos Mejía, Juan Agustín García, Leopoldo Maupas

o Ernesto Quesada, publicados entre 1880 e os anos do Centenário da Revolução de Maio (1910), serviram tanto de material de consulta para os estudantes das cátedras universitárias de sociologia e também como dispositivo de intervenção na arena intelectual nacional e estrangeira. Em ambos os sentidos, o formato de “manual” ou livros de síntese, permitiu a muitas dessas figuras disputar sentidos em relação ao escopo de uma disciplina com fronteiras ainda indefinidas e estabelecer-se como os intérpretes mais capacitados de um conhecimento em franca expansão, um tipo particular de ferramenta hermenêutica, em parte reflexão filosófica e em parte disposta a uma análise da tensão entre passado e presente da sociedade. No caso de Juan Agustín García, É especialmente interessante na medida em que seu livro “Introducción al estudio de las ciencias sociales argentinas” foi apresentado como uma síntese, como um estado da questão, mas também assumia nele um certo tom programático em relação à direção futura que a sociologia deveria tomar. Portanto, além de resumir linhas teóricas ou problemas epistemológicos, muitos desses “manuais” projetaram maneiras de praticar a sociologia e sua interpretação deve estar inscrita na trajetória particular de cada agente, no estado do campo universitário e nas coordenadas do mercado editorial nacional ou regional. Por exemplo, o livro “Estudios de Sociología” de Raúl Orgaz é menos um síntese disposta a reproduzir esquemas teóricos que uma compilação de trabalhos aparecidos em diversas revistas que serviam de atualização para leitores iniciados. Esse formato de livro foi o que privilegiou Orgaz até começo dos anos trinta, onde começou a inclinar-se pelo formato de “tratado” ou “manual”, na medida em que sua posição acadêmica e seu prestígio se consolidaram. Em oposição, as obras de síntese são onipresentes na jornada intelectual de Alfredo Poviña, contribuindo com livros no formato de “manual”, mesmo sem possuir uma situação universitária privilegiada. Talvez sua “Historia de la sociologia latino-americana”, de 1941, editada no México pelo *Fondo de Cultura Económica*, com prólogo de José Medina Echavarría, sirva de indicador sobre o perfil do professor e divulgador antes do que de pesquisador que caracterizou Poviña ao longo de sua carreira acadêmica. Seus sucessivos livros de síntese publicados desde esses anos reforçam essa predileção.

Seguindo nessa trilha, preponderavam alguma corrente teórica ou alguns objetivos na defesa do ensino de sociologia, notadamente por estes intelectuais?



Entendo que antes de uma linha de ensino definida, os manuais ou livros de síntese serviram como um amplo quadro de padrões imaginados de sociologia, tensionada como conhecimento subordinado a diversas formações profissionais (especialmente vinculadas ao direito), mas também como âmbito privilegiado de inovação intelectual. No caso das Faculdades de Direito, o assunto ocupou, em geral, um lugar de formação contemplado pelas matérias estritamente jurídicas na formação de graduação; em alguns casos, inclusive, foi deslocado da formação inicial e disposto na formação de pós-graduação para aqueles que aspiravam ao título de doutorado. Essa relativa situação periférica, fonte de tensão entre aqueles que a acusavam de meros fins especulativos e aqueles que apoiaram a sociologia como um conhecimento de orientação dentro de recursos sociais e humanos, permitiu igualmente caminhos teóricos variados de um ciclo dominado pelo cientificismo de natureza sociológica ou biológica na virada do século XIX a XX até as reacções vitalistas e espiritualistas dos anos vinte, passando pelas ambíguas leituras do projecto Durkheimiano ou dos livros de Max Weber e Georg Simmel.

Apesar das carreiras de sociologia e antropologia, especialmente, se institucionalizarem na Argentina mais recentemente (se comparado ao Brasil), as ciências sociais, no geral, sempre tiveram um papel relevante no debate público. Neste sentido, qual o lugar das ciências sociais na sociedade argentina?

Embora a institucionalização de questões sociais na Argentina esteja atrasada em comparação com outros casos nacionais, em relação à criação de cursos de graduação e pós-graduação, sua presença universitária e sua vida pública parecem menos defasadas. Não só para a criação inicial de cátedras de sociologia e antropologia em diferentes unidades acadêmicas desde o início do século XX, mas porque entre aqueles que se inscreveram na tradição das ciências sociais argentinas, a política não foi um âmbito completamente estranho. Fora de seu desempenho como funcionário judicial, como militante partidário, agente diplomático ou burocrata da administração estatal, mas também como *scholar* ou pensador diletante, o horizonte da discussão pública não é alheio aos e às cientistas sociais argentinas; em parte devido à estrutura social e aos modos de integração da vida política nacional, e em parte dado o perfil particular da universidade na Argentina, é difícil pensar em uma divisão entre os mundos do conhecimento sobre a sociedade e a política. Longe de constituir uma continuidade imanente, a variabilidade histórica da politização da vida universitária argentina permite apreciar ciclos de maior ou menor incidência das ciências sociais no debate público. Foco



privilegiado pela repressão ilegal do Estado durante as ditaduras militares, os âmbitos universitários das ciências sociais revelaram-se espaços singularmente dinâmicos para a articulação de projetos críticos contra o *establishment* político e econômico, visibilizando demandas sociais e práticas de produção de conhecimento garantidas por tradições de investigação prestigiosas. Como campo de forças, o espaço das ciências sociais na Argentina não é homogêneo, mas é significativo destacar uma "vocação profissional" de interpelação do debate público do conhecimento sobre o social.

Em seus trabalhos o professor também atenta para mudanças no processo de institucionaliza o das ciências sociais na América Latina, após os anos 50. Poderia falar um pouco deste processo de internacionaliza o e circula o das ideias?

A institucionaliza o das ciências sociais no quadro latino-americano   uma temática que tem despertado interesse entre os pesquisadores da região em termos de objeto de estudo sistemático, além das histórias produzidas pelas próprias institui es. Aqui, entendo que a mudança de narrativas nacional-centradas para uma perspectiva de escala transnacional tem operado como ponto de partida central para as investiga es de processos complexos de circula o das ideias. Como tem mostrado Alejandro Blanco ou Fernanda Beigel, para os casos da *Asociación Latino Americana de Sociología* (ALAS) ou da *Facultad Latino Americana de Ciencias Sociales* (FLACSO), o fen meno de consolida o das ciências sociais inscreve em coordenadas territoriais mais amplas do que espaços nacionais. Esta mudança de perspectiva, não supõe necessariamente descartar as especificidades dos ritmos locais, mas sim beneficiar uma visão mais integral que coloca as histórias disciplinares em comunica o com outras áreas da produ o cultural. Este marco de referências tanto conceituais como metodológicos tem orientado algumas de minhas aproxima es.

Se esta mudança de escala territorial fez novas cartografias na abordagem ao estudo das ciências sociais na região, a aten o   circula o de pessoas e objetos materiais sobre os quais circulam as ideias são duas dimensões de análise complementares. Estas  nfases permitem, em primeiro lugar, um emprego qualificado da no o de "rede" para estabelecer os contatos efetivos entre agentes localizados em diferentes posi es no campo da produ o de ciências sociais, reconstruir trajetórias individuais e coletivas de grupos de pesquisa, diagramar os alcances de projetos transnacionais de investiga o aplicada ou ponderar "afinidades eletivas" entre aqueles que incentivaram

estabelecimentos de ensino e disseminação do conhecimento social. Em segundo lugar, e relacionado com a pergunta seguinte, a chamada “virada material”, o estudo das condições de seleção e distribuição dos bens simbólicos em suportes impressos, sejam estas revistas ou obras publicadas em formato de livro, tem advertido sobre as capacidades e limitações específicas na transmissão de modelos teóricos, na difusão de pesquisas de campo ou na comunicação de informes técnicos que supõem os modos de inscrição em dispositivos editoriais, sejam ou não impressos.

Gostaria que o professor falasse sobre as suas investigações voltadas para as edições de livros. A partir de quais aportes teóricos e metodológicos o professor tem pensado essas questões?

Minha abordagem para trabalhar no mundo da edição de livros é, em grande medida, uma “marca” da equipe de pesquisa que integro em Córdoba, e resultado de um esforço sistemático de Gustavo Sorá por refletir profundamente sobre esse universo de pesquisa. Os pontos de partida para ditas reflexões são provenientes da história do livro e da leitura (mediante Robert Darnton, Jean-Yves Mollier o Roger Chartier), a antropologia da cultura escrita (em especial, Jack Goody) e a sociologia da edição (com referências que incluem Pierre Bourdieu, Gisèle Sapiro o John B. Thompson). Na medida que os diversos objetos de estudo foram reivindicando instrumentos pertinentes de indagação e perspectivas analíticas, cada uma dessas referências me servem como como uma entrada ativa e não como uma rede fixa. Assim, o estudo de um empreendimento editorial, seja uma revista, uma coleção de livros ou um livro em particular, condensam dobras de um espaço social com posições e funções particulares, que permitem imaginar circuitos de comunicação entre agentes com intensidades e direções historicamente variadas (editores, impressoras, autores, distribuidores, representantes, gerentes comerciais, livreiros, leitores), articulados em fases de produção, circulação e consumo de um bem impresso, regulados por um mercado mais ou menos autônomo. Essa “vida editorial” das ideias é o que me tem chamado a atenção como prática multidimensional para pensar o desenvolvimento das ciências sociais na América Latina, em geral, e, na Argentina, em particular.

Em uma conjuntura de ampla difusão da internet e de divulgação do conhecimento acadêmico por meio de revistas eletrônicas, poderíamos considerar o livro físico



um ainda destacado objeto para pensar a circulação internacional de bens simbólicos?

Ainda que seja um assunto que demandaria uma ampliação de meus argumentos com maior precisão e extensão do que eu posso aqui aproveitar, penso que a expansão dos meios eletrônicos para a divulgação do conhecimento acadêmico resinificou os alcances do público, potencialmente interessado na leitura dos resultados de investigações produzidas no âmbito universitário. É indubitável que as possibilidade de trabalho colaborativo e de intercâmbio de informação entre colegas tem sido fortalecido pela internet. No entanto, esse ritmo vertiginoso de fluxo de informações não parece ter obscurecido completamente o livro como uma via de transmissão do conhecimento acadêmico. Em primeiro lugar, porque diante das profecias de “desaparecimento do livro em papel”, a indústria editorial registra o avanço da venda de e-books, mas não um colapso absoluto das vendas de livros físicos; em segundo lugar, o livro como unidade simbólica continua funcionando como referência de obra, tanto que aglutina esforços cognitivos e sociais sob um descritor temático em torno da figura de um autor ou de um conjunto de autores. Em terceiro lugar, como tem demonstrado Alejandro Dujovne, especialmente nas ciências sociais e humanas, o prestígio associado à edição de um livro como resultado de um projeto de pesquisa continua operando como indicador de “valor” no campo de produção restrito (público acadêmico), mas também como visibilizador dessa empresa intelectual em um universo de leitores massivo. Pensar a internacionalização da circulação de bens simbólicos supõe atender às especificidades dos suportes que o contêm, os públicos que estes possibilitam e as estratégias de tradução linguística que cada mercado editorial lhes impõe.

Por fim, o professor poderia falar um pouco sobre a experiência do projeto “Hacer Sociología en Córdoba. Entre las aulas y las calles”?

O projeto “Hacer sociologia em Córdoba” é resultado de um notável esforço coletivo de pesquisadoras/es, sob a coordenação de Soledad Segura e no marco da carreira de Sociologia da *Facultad de Ciencias Sociales da Universidad Nacional de Córdoba*, por reconstruir as vicissitudes da disciplina sociológica em suas diversas inscrições institucionais, políticas e intelectuais. A pluralidade de olhares sobre esse percurso foi abordado através da coleta de testemunhos de primeira mão, entrevista em profundidade com protagonistas da sociologia em Córdoba, a revisão de documentação original, publicações periódicas e obras significativa desse passado, mas também recuperando as



vozes de quem, na atualidade, trabalham à frente das cátedras de sociologia. O projeto ilumina, penso eu, uma trajetória complexa que atrai a consideração dos debates disciplinares e das conjunturas políticas que atravessaram a sociologia. O resultado do projeto é um documentário audiovisual acessível na internet para beneficiar sua divulgação.¹

Agradeço pela entrevista concedida.

PUBLICAÇÕES DO AUTOR

GRISENDI, E. El Centro de la periferia: internacionalización de las ciencias sociales y redes académicas latinoamericanas. Manuel Diegues Junior y los avatares de la sociología del desarrollo. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. v. 4, n. 2 Dossiê: pensamento social, desenvolvimento e desafios contemporâneos dez. 2014.

GRISENDI, E. ¿Cómo interpretar el Cordobazo? Dos Lecturas Sociológicas. **Intersticios**. UNC, V. 2, n. 3, 2013

GRISENDI, E. Los “escritores de provincia” como tema: Mediadores culturales y circuitos literarios “periféricos” (Córdoba, 1940-1960). **Trabajo y Sociedad**, Nº 22, Santiago del Estero, Argentina, Verano 2014.

GRISENDI, E. “Los poetas del interior en el mapa lírico de la nación” Alberto Díaz Bagú entre poesía y edición (Córdoba, 1944-1959). **Prismas - Revista de Historia Intelectual**, n. 17, 2013.

GRISENDI, E. Enrique Martínez Paz. La sociología entre la institución universitaria y las tradiciones intelectuales (1908-1918). In: A.C. Agüero y D. García (Eds.), **72 Culturas Interiores**. Córdoba en la geografía nacional e internacional de la cultura. La Plata: Al Margen, 2010.

GRISENDI, E. ; REQUENA, P. La Universidad Nacional de Córdoba entre 1918 y 1946. In: Gordillo, M. y Valdemarca, L. (coord.). **Facultades de la UNC. 1854-2011. Saberes, procesos políticos e institucionales** (pp. 93-104). Córdoba: Editorial de la Universidad Nacional de Córdoba, 2013

GRISENDI, E. Internacionalización de las ciencias sociales y redes académicas latinoamericanas. **Crítica e Sociedade: revista de Cultura Política**. V. 4, n. 2, 2014.

¹ As entrevistas do projeto “*Hacer Sociología en Córdoba*” estão disponíveis no canal da *Facultad de Ciencias Sociales* – UNC, no link: <https://www.youtube.com/channel/UCGG0C-D-20I7W0ZwQ2Oe43A>.




NOTAS

TÍTULO DA OBRA

As ciências sociais na Argentina, trajetórias e edições de livros: entrevista com Ezequiel Grisendi.


Rodolfo Ezequiel Grisendi

Professor do Departamento de Antropologia
Doutorando em Ciências Antropológicas
Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Argentina
egrisendi@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3999-2727>

Ana Martina Baron Engeroff

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
anamaron@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3957-0428>

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 22 de maio de 2019

Aprovado em: 22 de maio de 2019

